

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA



Crítica internacional se rende ao talento de Selton Mello

PÁGINA 3



Dau Bastos filosofa sobre a literatura brasileira ontem e hoje

PÁGINA 4



Enóloga Tainá Zaneti propõe olhar brasileiro sobre as harmonizações

PÁGINA 7

Divulgação



Os policiais Hopps e Nick investigam por que répteis estão clamando seus direitos em 'Zootopia 2'

Di\$neylândia

Pelo segundo **ano consecutivo**, o estúdio do camundongo Mickey Mouse é **responsável por assegurar** a Hollywood suas poucas **(mas notáveis)** bilheterias na **marca do bilhão**. Página 2

Depois de um difícil 2025,
**Disney tem expectativa
de faturamento alto com**
lançamentos previstos para
o ano que está chegando

'Toy Story 5' e
'Cara de Um,
Focinho do
Outro' são
as maiores
apostas da
gigante da
aniimação

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Quem analisa o currículo de “Luca” (2021), atração da “Tela Quente” desta segunda, pode até pensar que o estúdio celebrizado pelo ratinho Mickey cometeu uma bola fora, mas suas cifras ínfimas de arrecadação em sala não passam de figuração. A produção que a TV Globo exibe às 22h20, foi estrategicamente conduzida para uma estreia no streaming da empresa, o Disney+, à época de seu lançamento. Essa decisão foi tomada por conta da pandemia, como estímulo à cultura (então vigente) do #fiqueemcasa.

Desde então, apesar de sazonais fracassos, a Disney assegurou a Hollywood um sortimento de animações e aventuras de super-herói com fôlego para arrecadar US\$ 1 bilhão ou mais. O terceiro "Avatar", chamado "Fogo e Cinzas", hoje em cartaz, encaminha-se para essa marca, que, em 2024, foi alcançada pela Disneylândia com "Divertida Mente2" (US\$ 1,7 bilhão) e "Deadpool & Wolverine" (US\$ 1,3 bilhão).

Concorrência pesada

Já em 2025, um cenário de pesada concorrência, até estrangeira, fez o império de Walt Disney penar muito para emplacar receitas bilionárias, em especial pelo fato de o título de maior receita, de janeiro a dezembro, “Ne Zha 2 - O Renascer da Alma”, ter vindo da China, sem conexão com empresas dos EUA em sua configuração de base. O épico animado



A scene from the movie 'O Pato' showing two large, orange, fluffy cartoon ducks standing on a sandy bank next to a body of water. The duck on the left is looking towards the camera with a slightly surprised expression, while the duck on the right is looking towards the background. The background features a lush green forest and a body of water.

'Toy Story 5' é uma das maiores promessas de bilheteria de 2026

*'Cara de Um,
Focinho de Outro
estreia em março
com fome de
bilhão.*



'Luca' é a atração desta *Tela Quente*, com a grife de Mickey Mouse

chinês faturou alto: US\$ 2,1 bilhões. A reação americana se deu com "Lilo & Stich", nas férias de meio do ano, e, agora, com "Zootopia 2", um noir cujo roteiro é uma pérola.

Ambos trazem a grife Disney. A versão live action do desenho animado de 2002, que converteu

Stitch numa coqueluche, somou cerca de US\$ 1 bilhão e 38 milhões. Já “Zootopia 2” tem tudo para fechar este semestre com US\$ 1,5 bilhão, tendo Monica Iozzi e Rodrigo Lombardi como os dubladores de seus personagens principais, a colega Hopps e a raposa Nick. Essa dupla po-

licial agora tem que investigar a presença de uma cobra em sua cidade, ciente de que répteis foram banidos da metrópole. Uma família de linceis bastante suspeita amplia a intriga, que ronda um debate sobre propriedade patrimonial numa geografia urbana marcada pela gentrificação.

Indicado ao Globo de Ouro, “Zootopia 2” concorre ao prêmio dos jornalistas especializados em cinema com outra produção da Disney, “Elio”, que apesar de sua direção de arte sofisticada e de sua dramaturgia comovente, foi um fiasco de público. Seus custos passaram dos US\$ 150 milhões, o que exigiria um faturamento estimado em US\$ 500 milhões para que as contas se pagassem e dessem lucro. Sua renda, entretanto, morreu em US\$ 154 milhões, numa prova de que a grife industrial que nos deu fenômenos como “Procurando Nemo” (2003) e “Os Incríveis” (2004) falha e perde dinheiro.

Para os próximos doze meses que estão por vir, o calendário Disney é dos mais potentes, a começar por "Cara de Um, Focinho de Outro", no dia 6 de março, falando de animais robóticos. Em 19 de junho, as luzes da lucratividade vão se acender para Mickey, mais uma vez, com "Toy Story 5". E tem mais: em 10 de julho, rola a versão em carne e osso de Moana, com Dwayne 'The Rock' Johnson encarnando um deus havaiano. Em 25 de novembro, chega "Hexed", sobre magia na adolescência. Não bastasse isso tudo, a parceria da Disney com a Marvel, ainda ativa, vai nos dar "Homem-Aranha: Um Novo Dia", com Michel Mando como o Escorpião e Jon Bernthal como Justiceiro.



Divulgação

Selton Mello com Jack Blak e Paul Rudd no set ao fim das gravações

de 'Anaconda': o brasileiro conquistou a admiração dos colegas de cena

Selton Mello conquista Hollywood com 'Anaconda'

Crítica internacional celebra performance irreverente do brasileiro no remake do clássico besteirol que fez sucesso nos anos 1990

Selton Mello vive um momento singular em sua carreira. Depois de integrar o elenco de "Ainda Estou Aqui", filme de Walter Salles que conquistou o primeiro Oscar do Brasil e o projetou mundialmen-

te, o ator brasileiro agora marca presença em "Anaconda", remake do clássico besteirol de 1997 que estreou simultaneamente em todo o planeta neste Natal. "É a primeira vez que posso dizer que um filme meu estreia no mesmo dia, no mundo todo", comemorou o ator e diretor mineiro, ao

comentar sua presença no circuito global de cinema.

A repercussão internacional da performance de Selton tem sido notável. Pete Hammond, do prestigiado Deadline, escreveu que o ator brasileiro "rouba cenas" como o tratador de anacondas, destacando sua capacidade

de se impor mesmo dividindo a tela com estrelas consolidadas de Hollywood como Jack Black e Paul Rudd. No The New York Times, Beatrice Loayza foi além, afirmando que Mello traz uma "energia bizarra" ao filme e que o restante dos personagens simplesmente não consegue acompanhar

o brasileiro. David Ehrlich, do IndieWire, considerou a contribuição de Mello "o trunfo de 'Anaconda'", ressaltando a mudança radical do ator ao partir de papéis sérios e dramáticos para uma comédia leve e excêntrica. Veículos como The AU Review, JoBlo e The Guardian também destacaram o brasileiro como um dos pontos altos da produção.

No filme, Selton interpreta o excêntrico Carlos Santiago, um domador de cobras que acompanha dois fãs obcecados pelo original de 1997 em uma aventura pela floresta amazônica. O diretor Tom Gormican enfatiza que ter alguém como o brasileiro era fundamental para conferir autenticidade à produção: "O filme é uma espécie de homenagem ao Brasil, e foi importante ter alguém como Selton para que o projeto ficasse ainda mais genuíno".

O ator exalta a liberdade criativa concedida durante as filmagens e agradece a receptividade calorosa dos colegas de elenco. Relatos de bastidores descrevem que Mello foi tratado como realeza no set. Jack Black e Paul Rudd revelam admiração mútua. "Tinham momentos em que ficávamos admirando ele atuar em takes extras. 'Deixe ele brilhar', pensávamos", disse Black.

Selton resume esse momento histórico com clareza: "Fizemos história com 'Ainda Estou Aqui' e agora o mundo está de olho na gente". A estratégia de equilibrar produções independentes com grande potencial crítico e filmes com apelo comercial massivo, defendida pelo próprio ator, revela-se eficaz: "Sempre fiz um 'mix' entre produções independentes, com grande potencial crítico, e filmes com grande potencial de bilheteria. Nossos trabalhos estão sempre nos preparando para próximos". Com nome consolidado com ator e realizador no cinema brasileiro, o carismático Selton agora colhe os frutos de décadas de trabalho consistente ao conquistar espaço definitivo no cinema global.

A imagem mostra o cartaz do filme "Bob Esponja: Em Busca da Calça Quadrada". No topo, o título "Bob Esponja" é escrito em grandes letras amarelas, com uma faixa amarrada ao lado que diz "EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA". Abaixo, há uma ilustração de Bob Esponja vestido como um pirata, com chapéu e cana, segurando uma espada. O fundo é um ambiente subaquático com corais e bolhas de ar. No fundo inferior, uma barra vermelha com o texto "HOJE NOS CINEMAS".

ENTREVISTA | DAU BASTOS

ESCRITOR E PROFESSOR DA UFRJ

‘A ficção curta tira partido da aparência de flash estetizado da existência’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Seis meses se passaram desde o lançamento de “Difícil É Dormir”, coletânea que fez o alagoano Adauri Bastos, o Dau, mergulhar no leito do conto e aplicar seus (colossais) conhecimentos da literatura em prol da narrativa curta. As águas (de extensão alcançável com a vista) das historietas instigaram o professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a dar um curso livre dedicado a essa modalidade da escrita. Autor de livros-delícia como “Snif” (1987) e “Das Trips, Coração” (1984), Dau mobilizará a Estação das Letras (@institutoestacaodasletras) de 14 de janeiro a 11 de fevereiro, sempre às quartas. Nesse período de 2026, ele ministra um curso sobre como escrever histórias que nos nocauteiem em poucas páginas.

Nesta conversa com o Correio da Manhã, Dau evocou amigos imaginários (o Bruxo do Cosme Velho e um certo mineiro das veredas de Cordisburgo), pediu a bênção de Clarice Lispector e fez uma reflexão sobre o que se aprende nos colégios sobre formas de prosas. Em suas aulas no Fundão, é comum ele citar um bamba da Estética da Recepção, o alemão Wolfgang Iser, e dissertar sobre a obra do crítico Luiz Costa Lima (de quem é fã). Vez ou outra revela os próprios procedimentos literários, destacando aqueles que usou para se firmar como ficcionista, em sucessos de venda como “Clandestinos na América” (2005).

Em que pé está a literatura hoje? O que o conto tem de mais precioso – e de mais singular, na comparação com outras modalidades literárias – que faz a roda da prosa girar?

Dau Bastos - A ficção curta tira partido da aparência de flash estetizado da existência. Explora desde a diluição de sentido até a polissemia, passando pela ambiguidade, mas desliza sobre um enredo, simulando um norte. Assim, toca, com liberdade e sem pretensão pedagógica, o pulso da vida, à qual finge dar prumo. Por ser nesga, convida o leitor a ir além do escrito, para imaginar acontecimentos a cercar o entrecho, assim como emoções e pensamentos a povoar os personagens. Graças à pouca extensão, cabe na internet, onde, juntamente com a crônica e o poema, amplia o alcance da literatura como um todo.

Que contos mais e melhor marcaram o teu imaginário?

Eu começaria por “Conto de escola” (1884), em que Machado de Assis inventa as peripécias de um garoto gazeteiro, apostando na ironia e na desidealização como condições de aproveitamento do potencial literário. O segundo seria “A hora

e vez de Augusto Matraga” (1946), no qual Guimarães Rosa se mostra pronto para levar ao máximo as propostas vanguardistas. Em 1960, “Feliz Aniversário” radicaliza o desmonte, empreendido por Clarice Lispector em sua obra, da pretensa positividade das relações humanas. Finalmente, em “O cobrador” (1979), Rubem Fonseca comprova que os senso artístico e crítico podem andar juntos contanto que a ficção se limite a perspectivar.

Como é lecionar criação literária e fazer de uma narrativa por nocaute seu veio de ação?

A teoria da literatura vive propagando descobertas libertadoras, entre as quais a de que o ser humano é ficcionista pela própria natureza. De fato, acionamos a imaginação para realizar as atividades cotidianas, produzir ciência, contar algo testemunhado e assim por diante.

Por isso, sugiro a cada participante de minhas oficinas que desenvolva uma história original. Agora, para crescer em legibilidade e qualidade, o texto é reescrito à exaustão. Daí a importância estratégica do conto, que, como se faz de poucas páginas, pode ser lapidado até merecer publicação – o que proporciona uma experiência autoral completa.



Como você, que é professor universitário também de graduação, encara a formação de estudantes que chegam do ensino médio com um repertório de leitura que atenda ao Enem e cumpra com normas de ensino?

Como sabemos, o professor de ensino médio pode enfatizar as nuances da poesia e da prosa de ficção, mas é obrigado a preparar os alunos para responder questões nem sempre respeitosas das especificidades da literatura. Tenho orientando que lecionam em cursos pré-vestibulares e vejo a dificuldade de satisfazerem as duas demandas. Na

graduação em Letras, conseguimos desmontar boa parte dos clichês que garantem nota alta nas provas de acesso à universidade. Mas é triste reconhecer que, por ser híbrida e multifacetada, a literatura será sempre assimilada de maneira limitada por boa parte da humanidade.

Qual é a melhor estratégia para um aspirante a escritor levantar uma narrativa?

Para garantir facilidade de publicação e sucesso de vendas, o principiante tem apenas que repetir as velhas fórmulas do folhetim, do suspense e assemelhados. A rigor, não precisa nem mesmo ler contos e romances, bastando copiar as mil

mirabolâncias de qualquer telenovela. Agora, se quer produzir textos pelos quais sinta um mínimo de orgulho, convém fazer o esforço titânico de banir do cérebro os modelos narrativos plantados pelas fontes de ficção mais poderosas da atualidade. No mais, é confiar na própria intuição, desenvolver a fundo as ideias que lhe ocorrem e fazer de cada escrita um experimento.

Quantos livros você lançou (de quando a quando) e o que prepara para 2026? Que aulas vai lecionar na Faculdade de Letras, da UFRJ, no Fundão?

Estreei em livro no ano de 1984 e, até agora, publiquei treze títulos, sendo sete romances, uma tese, uma biografia literária, três novelas infantojuvenis e um volume de contos. Em março, lançarei uma segunda coletânea, “Manobras de Retorno”, composta de narrativas distribuídas pelos últimos cinquenta anos e protagonizadas por estudantes, professores, escritores e até militares. Paralelamente, continuarei meu trabalho docente, dedicado a cursos sobre ficção brasileira e à oficina Contos do Fundão.

Como se deu o seu percurso até a docência?

Nasci em Maceió e, aos cinco anos, fui morar numa fazenda, em seguida numa cidadezinha chamada Boca da Mata. Conclui o ensino médio em Olinda, onde passei mais alguns anos. Em 1979, desembarquei no Rio de Janeiro e dei continuidade a uma graduação em Psicologia. Paralelamente, trabalhei numa revista da imprensa alternativa e percebi que só seria feliz se pudesse escrever com regularidade. Depois de muito tempo no mercado editorial, fiz mestrado e doutorado em Literatura Comparada na UERJ. Assim, virei professor de Literatura Brasileira na UFRJ, onde me encontro há 25 anos.

Consulta ao professor: o que acha da prosa nacional do presente?

Quatro décadas atrás, um ficcionista brasileiro publicou que, em andanças pelo país, havia encontrado cinco escritores preparando livro novo. Nossa população já beirava os 135 milhões, mas frases desse tipo não escandalizavam, pois se contavam nos dedos os autores em atividade. Hoje, fatores como a difusão das técnicas narrativas e a facilidade de publicar em pequenas tiragens estimulam a produção a ponto de ocorrer continuamente uma verdadeira avalanche de novos títulos. Precioso por si só, esse fenômeno é dignificado pelo valor de muitos textos recém-lançados – o que me enche de otimismo.

Largar um livro chato é direito básico

do ser humano, diz Pedro Bandeira

Autor exige
de si mesmo
a capacidade
de comunicar
bem as suas
ideias

WALTER PORTO

Folhapress

Um dos direitos mais básicos do ser humano é fechar um livro que está chato, reza Pedro Bandeira. “Você chegou à vigésima página, está um saco? Larga aquele troço. ‘Ah, mas eu tenho que ir até o fim.’ Não tem.” É por isso que esse autor, firme há quatro décadas como um dos mais populares do país, ainda presta tanta atenção a como comunicar bem suas ideias. Não há chave melhor para segurar um leitor na narrativa - ainda mais uma criança ou jovem, seu principal público.

“Tem gente que acha que cultura é ninguém lhe entender. ‘Eu sou tão inteligente que ninguém me entende.’ Isso é de uma aristocracia idiota. Eu quero que me entendam. Eu luto para ser entendido”, afirma. “Autores amigos meus, que faziam sucesso universitário e pouco sucesso popular, falavam - eu escrevo para mim, leia quem quiser. Dançou. Dançou, amigo.”

O escritor de 83 anos recebeu a reportagem em seu escritório em São Paulo, na primeira semana de dezembro. Bandeira se divide entre o apartamento no bairro dos Jardins e seu sítio no interior do estado. Vem pousar na capital quando tem compromissos. Ali, ele mostra uma de suas fiéis companheiras, a edição antiga de um calhamaço, o “Dicionário de Rimas da Língua Portuguesa”.

Ué, mas Bandeira não é exatamente conhecido pela poesia. Aí é que está. “Para a criança pequena, o verso é muito mais fácil de compreender. Quando você está na fase de adquirir compreensão leitora, ajuda muito, porque a redondilha segue o ritmo natural da língua falada. A prosa livre é mais difícil, não marca o momento de respirar.”

Foi um de seus aprendizados numa carreira longa. Uma colega contemporânea que lhe ensinou muito foi Ruth Rocha - ela sempre defendeu que “simplificar a linguagem para a criança não é fazer língua de bobeira”.

“É, por exemplo, procurar mais substantivos adjetivados, que já dizem algo. Você diz delegado, não precisa dizer ‘delegado sério’, ‘delegado austero’. Delegado já tem sua própria qualificação. Assim você simplifica a linguagem sem empobrecer nada.”

Esse desejo pela comunicação eficiente já estava inscrito nas funções que Bandeira cumpriu antes de estourar como escritor - professor de cursinho, publicitário, jornalista. Foi um best-seller rapidamente abraçado por leitores em



Antes de estourar como escritor, Pedro Bandeira foi professor de cursinho, publicitário e jornalista

“Tem gente que acha que cultura é ninguém lhe entender. ‘Eu sou tão inteligente que ninguém me entende.’ Isso é de uma aristocracia idiota. Eu quero que me entendam. Eu luto para ser entendido”

PEDRO BANDEIRA

se policiar a escrever “com ou sem inspiração”. Hoje, ainda diz escrever todo dia.

A virada foi com seu primeiro livro publicado, em 1983. “O Dinossauro que Fazia Au-Au” saiu pela Moderna, que o edita até hoje, e abriu alas para alguns dos mais conhecidos livros infantojuvenis brasileiros, como “O Fantástico Mistério de Feiurinha” e “A Drogaria da Obediência”.

Este último, que começou a popular série da turma dos Karas, acaba de ganhar uma adaptação em quadrinhos e uma edição especial para comemorar seus 40 anos de publicação. Foi um best-seller rapidamente abraçado por leitores em

idade escolar.

Um jeito de escrever bem para essa faixa etária é se pôr no lugar dela, sem olhar de cima para baixo. “Você vê uma criança de cinco anos de cabeça baixa. Começa a pensar, a partir da realidade dela, o que pode estar acontecendo. Aí pode surgir alguma coisa na tua sensibilidade.”

“Porque eu escrevo para o meu leitor, não para os adultos que me dariam prêmio. O meu leitor tem que entender o que eu estou querendo falar com ele. Aí procuro a linguagem mais precisa. Por exemplo, segundo Piaget, até os 12 anos uma criança não entende ironia. Se você fala que estava na Lua, ela vai acreditar.”

Pedro Bandeira, ainda bem, está num dia de falar pelos cotovelos - se demora na entrevista e nas fotos para a Folha por quase três horas. Diz, com algum aperto no peito, que não tem mais crianças no dia a dia da família. Sua neta mais velha tem 27 anos e o mais novo fez 13.

Sem ser provocado, fala sobre Bolsonaro - “foi preciso que ele fizesse tudo o que fez para a gente entender que não dá para eleger um cara como esse” - e Trump - “é o presidente da democracia mais famosa do mundo falando sobre o imigrante da Somália igual Hitler falava sobre os judeus”.

E se detém sobre Monteiro Lobato, dizendo que hoje “tem uma briga muito grande para ele ser cancelado”. O repórter pergunta como ele, Bandeira, se sente com a ideia de que gerações futuras vejam seus livros como datados, precisando de notas de rodapé.

“Pode ser que isso aconteça, mas vai demorar”, torce. “Eu só trato de emoção de criança e de adolescente. Pode mudar a linguagem? Isso demora. Não sei. Não dá para escrever para o futuro. Mas eu acho que eu escrevo para o futuro quando trato das emoções humanas.”

CRÍTICA DISCO | OBRA VIVA DE HERMETO PASCOAL

POR AQUILES RIQUE REIS*

A obra de Hermeto Pascoal vive

Hoje trataremos de Obra Viva de Hermeto Pascoal – Vol. 1 Flautas (Gravadora Rocinante), recém-lançado em LP (também disponível nas plataformas de música). Na verdade, é o primeiro volume de uma série dedicada à música de Hermeto. Com composições inéditas ou pouco exploradas, reúne peças que o mestre escreveu para flautas entre 1982 e 1985.

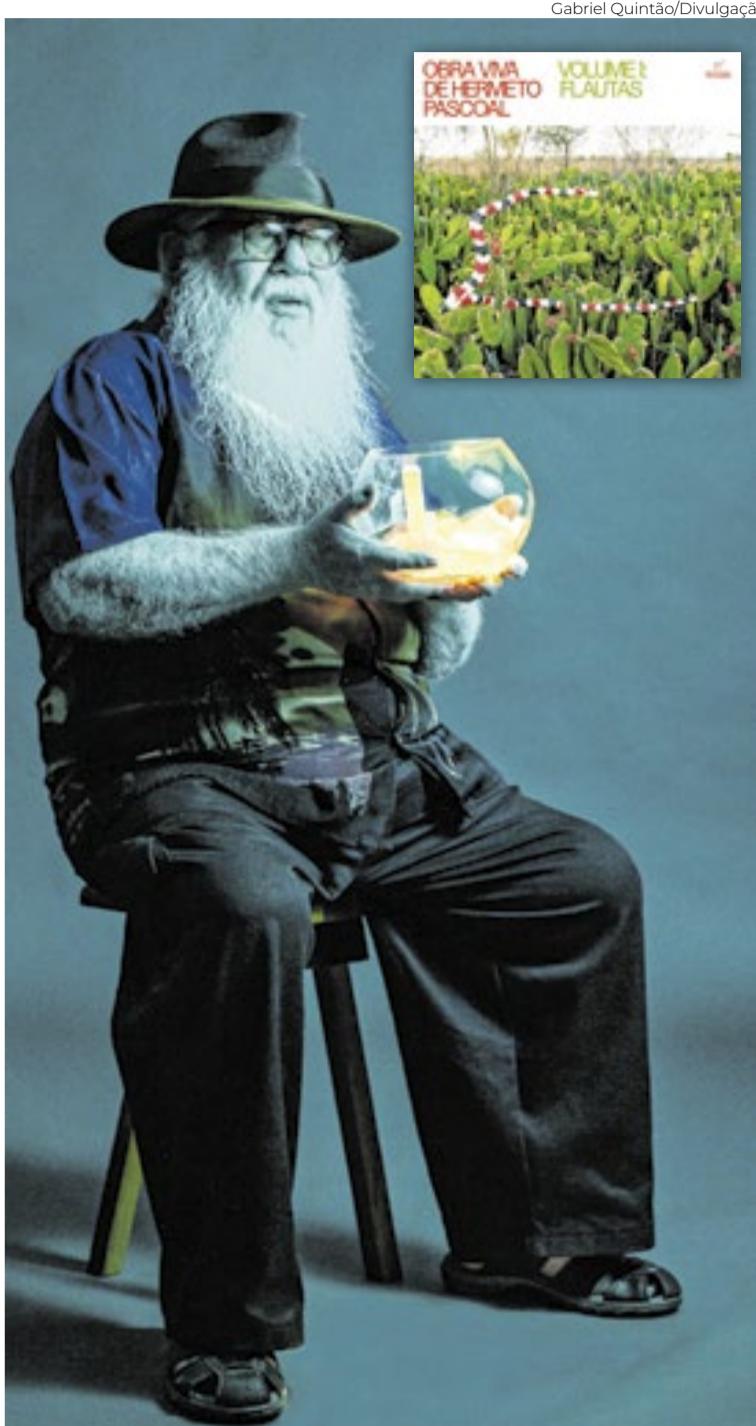
O trabalho reúne grandes flautistas: Aline Gonçalves, Andrea Ernest Dias, Carlos Malta, Eduardo Neves e Marcelo Martins. A depender da composição gravada, a formação é reforçada pelo piano de Marcelo Galter e/ou pelo trombone de Rafael Rocha. Assim abriu-se o caminho para a celebração de uma das mil facetas do gênio alagoano.

Partindo do acervo de partituras de Hermeto, digitalizado pelo

multi-instrumentista mineiro Felipe José, foram selecionadas obras nas quais Hermeto patenteou sua criatividade, a partir do extraordinário conhecimento que sempre teve desse instrumento fundamental em sua trajetória. Jovino Santos Neto, instrumentista e compositor, organizador do acervo e ex-integrante do grupo de Hermeto, afirma que o Bruxo “conhece profundamente todos os recursos e limites da flauta”.

As peças são composições cênicas e populares que, graças aos virtuosos instrumentistas, reviveram as ousadias harmônicas e melódicas de Hermeto. Ao mostrar a exata dimensão do que trepidava na cabeça do mestre, a audição desmistifica a incompatibilidade entre a música popular e a erudita. Ouça o álbum em <https://accese.one/3YslX>.

“Amigo Sion”, composta em 1982, que ganhou um arranjo para flautas por volta de 1985, abre o



Gabriel Quintão/Divulgação

Hermeto Pascoal dominava a flauta com maestria, como se vê nas composições resgatadas no álbum

Lado A do LP. Com Carlos Malta na flauta em sol, mais Marcelo Martins, Andrea Ernest Dias e Aline Gonçalves completando o naipe, a sonoridade é de tirar o fôlego.

“Duo de flautas n.º 1” vem sob a responsabilidade de Aline Gonçalves e Carlos Malta. O divertimento ecoa sob os sopros dos flautistas. Enquanto se ajuntam e se separam, brincam de tocar a beleza que têm nas mãos.

Sugiro vivamente atenção aos quartetos para flautas e trombone: nas flautas, Aline Gonçalves, Andrea Ernest Dias, Carlos Malta e Eduardo Neves, e no trombone, Rafael Rocha. O “N.º 1” tem dissonâncias explícitas, já o “N.º 2” vem melodioso. O “N.º 3” abre com o trombone, enquanto as flautas o cortejam.

Também em “O Duo de Flautas n.º 1”, por Aline Gonçalves e Carlos Malta, saltitam e iluminam as flautas que pululam como vaga-lumes; já “O Duo de Flautas n.º 2”, a cargo de Eduardo Neves e Andréa Ernest Dias, chega lírico e pleno de nordestinidade.

Creiam, minhas amigas e meus amigos, a Obra viva de Hermeto Pascoal – Vol. 1 Flautas é a música de Hermeto Pascoal abençoada pelos instrumentistas que a destacam.

Ficha técnica

Direção artística: Sylvio Fraga; direção e produção musical: Bernardo Ramos; gravação: Pepê Monnerat, Arthur Damásio e Flávio Marcos Batata; mixagem e masterização: Arne Schumann.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Oladum + BaianaSystem

O Olodum lança “Ginga Olodum” com o BaianaSystem, faixa que integra o repertório de Verão 2026 do grupo. A composição nasceu no Femadum 2023 e ganhou nova versão em 2025 com Victor Badaró, Mestre João do Morro e Russo Passapusso. Baseada no samba-reggae de Neguinho do Samba, a música une a percussão tradicional do Olodum às guitarras baianas e bases eletrônicas do BaianaSystem. O trabalho está sendo distribuído pela Virgin Music Group como parte da programação para o verão e Carnaval.



Música, poesia e artes visuais

Natália Xavier lança “Gansos Selvagens”, último single da série contemplada pelo edital Aldir Blanc e pela Prefeitura de São Caetano do Sul. Inspirada no poema de Mary Oliver, a canção traz percussões de barravento, guitarras e atmosfera ritual. Artista multipla com mestrado em Poéticas Visuais pela Unicamp, Natália transita entre música, poesia e artes visuais. Filha de pernambucana e baiano, incorpora maracatu, coco e ijexá em seu trabalho. Em 2022, lançou o álbum “Eu também sou teus rios” e o livro “Eu pedi pelos tigres” na Flip.



Prévia do álbum

A banda texana Culture Wars lança “In The Morning”, sua maior estreia no streaming. Com mais de um milhão de ouvintes mensais, o grupo formado por Alex Dugan, David Grayson, Dillon Randolph, Caleb Contreras e Joshua Stirm mescla guitarras intensas, eletrônica e pop alternativo. A faixa explora a vulnerabilidade de acordar sozinho após uma noite difícil. Inspirada pela abertura para o Lany na Philippine Arena, a música define o som do álbum de estreia “if not now, when?”, previsto para 2026.

Harmonização à brasileira

Enóloga e pesquisadora Tainá Zaneti defende um novo jeito de combinar os vinhos brasileiros com os pratos da nossa tradição culinária

AFFONSO NUNES

Aenóloga e antropóloga Tainá Zaneti propõe uma ruptura com os cânones europeus de harmonização enogastronômica. No e-Book "Harmonização à Brasileira — Casando a sociobiobrasilidade com vinhos Madre Terra", lançado pela vinícola gaúcha de Flores da Cunha e disponível gratuitamente para download (<https://tr. ee/V0qxRKXB7r>), ela defende que o Brasil precisa construir seu próprio sistema de combinações entre vinho e comida, enraizado na identidade cultural do país e conectado aos seus biomas, territórios e modos de vida.

Sommelier internacional e pós-doutora em Antropologia, Tainá é reconhecida como uma das principais pesquisadoras em gastronomia e cultura alimentar brasileira. Na obra, ela apresenta o conceito de sociobiobrasilidade, que interpreta as relações entre biomas, ingredientes e expressões culinárias nacionais. "A harmonização à brasileira não deve ser uma adaptação

"A harmonização à brasileira não deve ser uma adaptação periférica dos métodos europeus, mas um sistema próprio construído a partir da nossa história, clima, sociabilidade e diversidade de ingredientes"

TAINÁ ZANETI

periférica dos métodos europeus, mas um sistema próprio construído a partir da nossa história, clima, sociabilidade e diversidade de ingredientes", afirma a autora.

O livro traz um panorama histórico e antropológico sobre o ato de comer e beber no Brasil, abordando sincretismo culinário, formação das cozinhas regionais, o "jeitinho brasileiro" à mesa e os desafios de consolidar uma harmonização própria em um país continental. A partir de uma matriz sensorial e cultural inédita, Tainá propõe caminhos que consideram tanto os terroirs vitivinícolas nacionais quanto as cozinhas regionais, criando aproximações entre



Divulgação



Divulgação

O Ventrez
Gewürztraminer
harmoniza com a Moqueca
de Peixe inspirada
na Chef Tereza Paim

espumantes gaúchos e a acidez do tucupi, entre Syrah do semiárido e baião de dois, entre Chardonnay da Serra catarinense e a densidade do dendê.

Um dos pontos centrais do projeto é a homenagem a 13 chefes brasileiras que têm ressignificado a gastronomia nacional. Inspirada em preparos emblemáticos de Ana Lúcia Trajano, Ariani Malouf, Bel Coelho, Bruna Martins, Carla Pernam-

buco, Helena Rizzo, Janaína Torres, Lisiâne Arouca, Manu Buffara, Morena Leite, Roberta Sudbrack, Tássia Magalhães e Tereza Paim, a autora recria receitas e harmoniza cada uma com rótulos da Vinícola Madre Terra.

Cada receita vem acompanhada de explicações didáticas sobre as escolhas de harmonização, sempre pautadas no encontro entre sensorialidade e brasiliade. Localizada na Capela São João e inspirada pela energia feminina da natureza, a Madre Terra tem desenvolvido experiências de enoturismo e gastronomia que valorizam ingredientes nativos, agricultura regenerativa e microvinificações.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Carne nova em Ipanema

O Pobre Juan, especializado em carnes, inaugura uma segunda unidade no Rio de Janeiro, em um charmoso casarão de três andares preservado de 1929, em Ipanema (Rua Visconde de Pirajá 616). No cardápio, cortes suculentos assados na parrilla como o Wagyu, importado diretamente de Kagoshima, no Japão, considerado a carne de melhor qualidade do mundo. Uma charmosa adega reúne cerca de 130 rótulos de países como França, Portugal, Espanha, Itália, Brasil, Argentina e Chile, garrimpados em pequenas bodegas de familiares.



Tentações na Sin Patisserie

Criada pelas irmãs Júlia (chef responsável pelas receitas autorais) e Jade Chaloub (à frente do conceito e da identidade da marca), a A Sin Patisserie amplia seu universo de prazer, estética e provocação com a abertura de uma nova loja no Shopping Leblon. Na nova loja o público é convidado a mergulhar nesse jogo de dualidades: o clássico e o contemporâneo, o lúdico e o sombrio, o pecado e o prazer. O menu traz uma seleção de doces feitos à mão e com ingredientes premium, como os famosos cookies (foto), bolos, tortas, trufas e brownies.

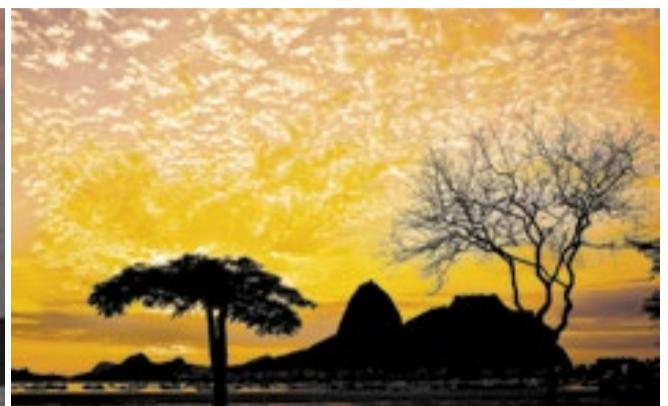


Vinho com assinatura

O Giuseppe Grill lança dois vinhos exclusivos desenvolvidos em parceria com a Miguel Torres, tradicional bodega catalã e uma das vinícolas mais respeitadas da Europa. Batizada de Giuseppe Torres & Torres, a coleção inaugura um novo capítulo na relação do grupo com o universo do vinho e passa a integrar, com destaque, a carta das casas do grupo BestFork. Os rótulos já estão disponíveis em todas as unidades, incluindo o próprio Giuseppe Grill, e carregam a curadoria pessoal do restaurante Marcelo Torres, reforçando o caráter autoral e exclusivo do projeto.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

TEXTO E FOTOS

Continua **linda!**

É retrospectiva desse 2025, cariocando apaixonadamente como Lobato, que transformou a Cidade Maravilhosa em Almoxarifado de Deus; tem coisa mais linda? Há beleza igual?

Pela orla vejo a paisagem, as meninas coloridas pelo sol, que encantavam Vininha, vejo meus amanheceres, meus pores do sol, dou aquela paradinha para o mate gelado, para o Biscoito Globo, mas só chego até o fim do Leblon.

A Garota de Ipanema, Os Inocentes do Leblon, o Menino do Rio. Esta cidade, um misto de Vininha e Drummond, Caetana e embala a noite em canções de ninar e, já na alta madrugada, depois do deleite de encantos mil, o poeta retorna com seu violão, o boêmio, já cansado em tantas sereatas, volta, a bailarina já dorme, abraçada as sapatilhas, e o funcionário acorda para mais um pão nosso de cada dia.

Nas praias começam a chegar os primeiros banhistas, e “Olha o Biscoito Globo salgado e doce”, “Ói o mate olhaaaaa a limonada gelada!”, “Sanduíííííííícheeeeeeeeeee naaaaaaaaaaturaaaaaaaal!”. Tem coalho na brasa, tem biquini, tem bronzeador nessa babel democrática que é a praia carioca. Copacabana, Ipanema, Leblon até o Pontal, já disse o Rei do Suwing Tim Maia: “... não há nada igual!”.

O Rio flui, o Rio amanhece. O Rio de Fernanda, de Ruy, de Chico, de Ferrez, de Millor, de Lan, de Paiva, de Paulinho, de Martinho, de Leila, de Gentileza, de Tom com o tom das cores e das melodias..., de tantos cariocas, nascidos, vividos abençoados e adotados pela cidade. É outro dia, “o Sol há de brilhar mais uma vez...” e a luz sempre brilha nos corações apaixonados.

O Rio sorri bravamente aos seus, o Rio de 50C° à sombra o Astro-Rei aqui parece o segundo sol chegando de mansinho e realinhando todas as órbitas em todos os orbes do Universo imenso.

O Sol, sai, às vezes tímido, através da Cumulus. Ensaia um breve malabarismo nas encostas das montanhas araribóianas, tinge o céu em tons magenta-alaranjados-dourados iluminado, explodindo em cores.

“Volta do mar ar, desmaia o sol / E o barquinho a deslizar...”, Menescal e Bôscoli, naquela inspiração típica dos cariocas, contam, cantam, encantam em verso o início da tarde e... “à tarde cai, o barquinho vai...”, os aviões e helicópteros de carreira, aeronaves do porvir, se recolhem, o vendedor, os turistas, uma última selfie diante de imensa beleza. A noite chega e com ela os carros, ainda em frenesi, retornam aos seus lares, exaustos, bravos guerreiros...

O Rio é assim singular em sua pluralidade, ímpar com seus pares. Um soRio de janeiro a janeiro, fevereiro, março... eu rio porque sou do Rio.

